

RITA DE CÁSSIA SANTOS LIMA



FACULDADE DE LETRAS – UFMG

BELO HORIZONTE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIAS E
PRÁTICAS DE ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

RITA DE CÁSSIA SANTOS LIMA

**LENDO ESCRITAS DE PAREDES DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA: UMA
ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT**

Belo Horizonte

2022

RITA DE CÁSSIA SANTOS LIMA

**LENDO ESCRITAS DE PAREDES DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA: UMA
ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT**

Versão final

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e práticas de ensino de leitura e produção de texto, da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Aline Magalhães Pinto

BELO HORIZONTE

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA RITA DE CÁSSIA SANTOS LIMA

Realizou-se, no dia 26 de setembro de 2022, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *LENDO ESCRITAS DE PAREDES DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA: uma análise na perspectiva de Michel Foucault*, apresentado por RITA DE CÁSSIA SANTOS LIMA, número de registro 2020741649, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Aline Magalhães Pinto - Orientadora, Profa. Edna Ribeiro Marques Amorim (UEFS), Prof. Thiago Castañon Loureiro (UFRJ).

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 26 de setembro de 2022.

Profa. Aline Magalhães Pinto (Doutora)

Profa. Edna Ribeiro Marques Amorim (Mestre)

Prof. Thiago Castañon Loureiro (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhães Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 28/09/2022, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Castañon Loureiro, Usuário Externo**, em 04/10/2022, às 19:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edna Ribeiro Marques Amorim, Usuária Externa**, em 09/10/2022, às 20:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1777467** e o código CRC **EB4795E9**.

A meus queridos pais, Antônio e Dalva (*in memoriam*) a quem todas as minhas palavras e todos os meus gestos são insuficientes para agradecer pelo amor a mim dispensado, também às minhas irmãs Joana, Fátima e Conceição (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, especialmente, pela sua constante proteção e presença na minha vida.

À professora Dra. Aline Magalhães pela orientação e apoio.

Um agradecimento especial ao Ricardo da proleitura pelo apoio inestimável.

Aos professores do programa de especialização em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Belo Horizonte pelos ensinamentos e apoios durante o curso.

À professora Dra. Carla Luzia C. Borges da Universidade Estadual de Feira de Santana pelos materiais de apoio, incentivos e sugestão do Tema.

À professora Dra. Renailda Cazumbá da Universidade Estadual de Feira de Santana pelo apoio, incentivos.

Um a agradecimento especial a professora dra. Edna Ribeiro pelo apoio, participação e pelas contribuições na banca.

Ao prof. Dr. Thiago Castanon Loureiro pela Participação e contribuições na banca.

Ao grupo de pesquisa LINSF (Linguagem, e Produção de Discursos) pelo apoio e foucaultianas.

Ao Grupo de Estudos e Leituras das Escrituras de Mulheres pelo apoio e por compartilhar leituras.

Aos meus pais, (*in memórian*), minha referência de vida – pelo carinho, pelo apoio incondicional e pelos ensinamentos indispensáveis à minha trajetória.

Às minhas amadas irmãs, Joana Lima e Fatima Lima da Bahia pelo carinho, apoio, incentivos na minha trajetória.

Aos sobrinhos e sobrinhas Laziana, Felipe, Beatriz, Vander, Rodolfo pelo carinho, pelas palavras proferidas e abraços calorosos.

À pequena Geovana pelo carinho, bondade e alegria contagiante que anima o ambiente.

Às minhas queridas tias Irací e Mundinha, e tios, especialmente ao tio Zé (*in memorian*) pelo incentivo, generosidade, energias positivas transmitida.

RESUMO

Este estudo analisa cartografia de escritas de Rua, conhecidas popularmente como pichação. Nesta análise foram utilizadas 11 pichações fotografadas das paredes da cidade de Feira de Santana, Bahia. O objetivo é analisar os escritos cartográficos produzidos nas paredes e entender o discurso, em suas regularidades discursivas e atravessamentos a partir da perspectiva foucaultiana. E se desenvolve da materialidade linguística de pichações, na perspectiva teórica da Análise do Discurso baseado tanto na arqueologia quanto na genealogia do filósofo Michel Foucault. Para adquirir a materialidade foi realizado um trabalho de campo para fotografar as imagens. A realização das análises demandou a busca de saberes histórico sobre os discursos, as leituras dos teóricos foram fundamentais para fazer pontes ligação com os dizeres dos teóricos para atender a proposta dos estudos trabalho. Delineamos este estudo a partir das teorias do filósofo Michel Foucault também trabalhamos com as teorias de outros teóricos como Rosário Gregolin, Gilles Deleuze, Inês Lacerda Araújo, Eni Orlandi. Como resultado das análises dos piches nas diferentes esferas da vida social percebemos o quanto o poder se manifesta e se exerce no cotidiano de muitas pessoas em uma relação de forças impondo leis e normas que na maioria das vezes acabam desarticulando, limitando direitos de escolhas, desejos daqueles que se deixam ser docilizados, mas de outro lado, grupos que se manifesta contra as regulações imposta por quem detém o poder não aceitando ser controlado.

Os piches representam uma forma de manifestação e resistência contra biopoder e biopolítica na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Pichação; Cartografia; Paredes; Feira de Santana; Análise do discurso

ABSTRACT

The theme of this study Cartographic analysis of street writings, popularly known as pichação. The objective is to analyze the cartographic writings produced on the walls of the city and understand the discourse, in its discursive regularities and crossings from the Foucauldian perspective. And it develops from the linguistic materiality of graffiti, in the theoretical perspective of Discourse Analysis based both on archeology and on the genealogy of the philosopher Michel Foucault. To acquire materiality, field work was carried out to photograph the images. Carrying out the analyzes demanded the search for historical knowledge about the discourses, the theorists' readings were fundamental to make bridges connection with the theorists' sayings to meet the proposal of the work studies. We designed this study from the theories of the philosopher Michel Foucault, we also worked with the theories of other theorists such as Rosário Gregolin, Gilles Deleuze, Inês Lacerda Araújo, Eni Orlandi. As a result of the analysis of the tars in the different spheres of social life, we realized how much power is manifested and exercised in the daily lives of many people in a relationship of forces imposing laws and norms that most of the time end up disarticulating or limiting the choices, the desires of those who allow themselves to be made docile, but on the other hand we have another group that manifests itself against the regulations imposed by those who hold power, not accepting controlled.

The pitches represent a form of manifestation and resistance against biopower end biopolitics in the contemporary society.

Keywords: graffiti; Cartography; walls; Feira de Santana; Speech analysis

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da Cidade de Feira de Santana e BR's	19
Piche 1 - Muro do Instituto de Educação Gastão Guimarães, Avenida Sampaio. "GREVE GERAL"	29
Piche 2- Parede do viaduto Georgina Erisman – 2020. "RESPEITO".....	31
Piche 3 - Universidade estadual de Feira de Santana (próximo ao bandeirão). "PRA QUE(M) SERVE TEU CONHECIMENTO?"	33
Piche 4 - parede do Instituto de Educação Gastão Guimarães- Avenida Sampaio – Centro "Se o Rico SOUBesse GRUVAR O POBRE NEM BATUCAVA"	35
Piche 5 - Parede do trecho Ladeira do Najé, bairro Barroquinha, eira de Santana - Bahia : "+ Respeito para o povo preto!!!"	36
Piche 6 - Parede da Universidade Estadual de Feira de Santana - Ba - fundo do Cau: - "50 anos do Golpe Militar - Para que nunca mais aconteça! AVANTE POPULAR DE JUVENTUDE! 1964"	38
Piche 7 - paredes do cau 2 – Universidade Estadual de Feira de Santana – Ba, "O BANDO ENUNCIADOR";	39
Piche 8 - Parede so solão da Industria dos cachos Avenida Sampaio Feira de Santa-BA, "gente que AMA O CABELO do jeito que ele é"	40
Piche 9 - Muro de um Terreno baldio na rua Tomaz de Aquino, Birro Tomba– "Proibido ficar são neste local"	41
Piche 10 - Muro de um Terreno baldio na rua Tomaz de Aquino, Bairro Tomba – "E se o wifi transmitisse o amor?"	42
Piche 11 - Parede da Câmara Municipal da cidade de feira de Santana, 02-09-2019 – " <i>Foda-se Edvaldo Lima e Bolsonaro</i> "	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONHECIMENTO SOBRE PICHÇÃO	12
2.1	Uma breve história sobre pichção.....	12
2.2	Pichção: superfície alternada no espaço urbano.....	14
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO.....	17
3.1	Análise do discurso.....	17
3.2	Comunidade da fala.....	18
3.3	Filosofia de michel foucault.....	20
4	ANÁLISE DAS PICHÇÕES: CARTOGRÁFICA DAS ESCRITAS DE RUA.....	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema a Análise cartográfica de escritas de rua conhecidas popularmente como pichações. Estas escritas são registradas nas paredes da cidade de Feira de Santana-Bahia, contemplando o espaço social e histórico. Nestes discursos escritos por diversos sujeitos não identificados, são analisados: os sentidos construídos por esta determinada forma de comunicação e as possíveis inquietações tais como: qual a condição para que esses enunciados fossem escritos desta forma e não de outra? O que atravessa cada discurso? Há alguma espécie de controle, resistência? O que pode ou não ser escrito e quem está autorizado a escrever? A quem é permitido escrever e se ligam a outros discursos em outros espaços?

A presente pesquisa tem como interesse analisar os escritos pichados nas paredes públicas e privadas em suas práticas discursivas no espaço urbano da cidade de Feira de Santana. A ideia de pesquisar este tema surgiu a partir de discussões cotidianas sobre as diversas leituras foucaultianas no grupo de pesquisa ministrado pela professora doutora Carla Luzia Carneiro Borges líder do LINSPI/CNPq (Linguagem, Sociedade e Produção de discursos) Integrante do Núcleo de Leitura Multimeios/UEFS e Professora Titular DLA/UEFS e das constantes visualizações de paredes pichadas espalhadas no espaço urbano da cidade referida. Um dos interesses em analisar os escritos cartográficos ou pichações encontradas nas paredes da cidade tem como propósito entender o discurso, suas regularidades discursivas e atravessamentos a partir da perspectiva foucaultiana. Nos discursos, há uma representatividade enunciativa histórica na sociedade, sendo assim, é possível perceber que os escreventes, ou seja, os autores escrevem seus discursos nos determinados espaços com linguagem acessível e desejam que seus escritos sejam lidos e refletidos por um número maior de pessoas. Segundo Foucault

“no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu chamo de acontecimentos. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com

outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições” (FOUCAULT, 2006a, p.255)

Percebe-se também que, os espaços das escritas foram escolhidos prevendo alcançar uma quantidade maior de leitores. São escritos que chamam atenção pelos seus enunciados que abordam assuntos políticos e sociais que levam leitores a pensar os momentos históricos. São discursos escritos por sujeitos em lugares inesperados desobedecendo regras impostas por quem detém o poder, lugares não considerados espaços de fala, de escrita, mas que atendem à necessidade do escritor pichador com o objetivo de expor opiniões, fazer denúncias, de expor suas ideias e pensamento com relação à vida social. Neste sentido, as obras do filósofo Michel Foucault se mostram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente, a Arqueologia do Saber por procurar evidenciar as condições de formação das “coisas ditas”, as regras de sua transformação, as descontinuidades que as decompõem, por perceber os discursos em sua formação histórica em determinado campo de saber, sua formação e configuração legitimada em um campo específico de um dado discurso que se formou sobre determinado assunto e que no contexto da arqueologia possui uma ordem, uma atividade – a ordem do discurso – que desatualiza categorias linguísticas e normativas da língua.

Há, em Foucault, portanto, uma enorme preocupação de explicar o que é o discurso, então ele apresenta dois métodos fundamentais: um arqueológico e outro genealógico. Na arqueologia, o discurso é determinado por uma regularidade que permite que algo pareça verdadeiro, enquanto na Genealogia a análise discursiva toma um caráter político em que o discurso se manifesta e produz poder quando possibilita seu exercício. Nesta linha de pensamento do filósofo, as postagens cartografadas nas paredes compartilham dizeres que não são algo de ordem, *status quo*¹ são produções que muitas vezes desagradam, e por isso, chamam atenção de

¹ [Lat.] V. status quo.

(status quo). (Lat.) Significa o estado em que se achava anteriormente certa questão. (F.preferível a status quo. |

leitores por suas temáticas. São escritas de revoltas que sinalizam desconforto causado pelo poder; são formas de contestar, de resistir (Borges, 2020).

Os dizeres de paredes se inserem num conjunto de relações sociais desencadeadas numa perspectiva histórica. Para Foucault (1987), os lugares onde aparecem os escritos também são considerados importantes, porque esses lugares podem dar legitimidade ao que foi dito. O enunciado é um saber do sujeito que fala e se apresenta em forma de discurso, ao mesmo tempo, em que tem conteúdos concretos, e se encontra num determinado tempo e espaço. No entanto, ele se torna um enunciado sério dependendo do sujeito e do lugar dentro do campo discursivo. Os discursos produzidos nas postagens, a seguir, podem apresentar diferentes sentidos no que diz respeito à descrição dos acontecimentos discursivos.

A presente monografia está organizada em 5 tópicos. O tópico 2, a seguir, apresenta uma reflexão sobre a história geral de pichação contemplando desde supostas origens aos dias atuais. O tópico 3 apresenta os pressupostos teóricos sobre Análise do Discurso ressaltando-se hipóteses específicas que orientam o estudo, os procedimentos metodológicos adotados nas análises cartográficas, contribuições do filósofo Michel Foucault para as discursividades das análises das pichações. O tópico 4, apresenta as análises dos discursos encontrados na cidade baiana nas categorias escritas e de imagem, em seus sentidos construídos, regularidades, controle e resistência. O tópico 5 apresenta algumas considerações finais.

2 CONHECIMENTO SOBRE PICHAÇÃO

2.1 Uma breve história sobre pichação

Para discutir a história da pichação é importante lembrar sobre a história da escrita, visto que a história da pichação vem de muito longe e está associada à origem da escrita. As origens da prática da pichação e da escrita se aproximam quanto às suas aparições. A primeira é conhecida como ato de escrever, rabiscar muros, fachadas de edificações, ruas e monumentos, é uma prática interdita, não aceita pelo poder. A segunda dá sustentação à primeira, é considerada legitimada, pois “sua origem se situa na necessidade que os homens encontram de *conservar* as mensagens da linguagem articulada para veiculá-las ou transmiti-las”, segundo afirma Vanoye (1998, p. 69).

A escrita surge a partir dos desenhos e rabiscos encontrados em paredes de cavernas no período pré-históricos, e assim, os sistemas de escrita foram constituídos de forma autônoma, em períodos distintos e por civilizações desiguais, marcando origem na Mesopotâmia momento em que os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme e no Egito com os hieróglifos. Os registros cotidianos, econômicos e políticos, naquela época, eram feitos na argila, com símbolos formados por cones. A escrita era dominada apenas por pessoas poderosas da sociedade, como escribas e sacerdotes.

Na antiguidade (período da história considerada por estudiosos como berço do desenvolvimento da escrita) já havia indícios de haver encontrado paredes rabiscadas com símbolos e desenhos que representavam escritos. Há evidências de que primatas se comunicavam com uma linguagem primitiva, com pouca quantidade de sons, sem pronúncias de palavras e frases. sendo a forma de comunicação através de gestos e pinturas rupestres, quando expressavam em paredes sentimentos e descobertas do cotidiano.

Fazemos algumas considerações sobre a história de Pompeia pelo fato de haver registros de escritas e pinturas de imagens nas paredes da cidade romana e isso ter sido tão constante. A cidade de Pompeia² do Império Romano ficava

² "... antes dos romanos, a cidade de Pompeia foi ocupada pelos oscos (um povo que habitava a Campânia), gregos, etruscos e samnitas, antes de finalmente ser conquistada pelos romanos. A influência romana sobre Pompeia se deu após as Guerras Samnitas (século IV a.C.), conflitos

localizada nos pés do Monte Vesúvio a 22 km da cidade de Nápoles, na Itália, é uma das provas da existência da pichação na antiguidade. Pompeia foi atingida em 25 de agosto de 79 d.C. pela erupção do vulcão Vesúvio, aterrada por cinzas, lama e lava até meados do século XVIII, parte da população foi dizimada e os corpos conservados pela cinza extraída pelo vulcão, o processo das escavações tem início em 1748, 20 séculos após a tragédia.

Algumas inscrições pintadas e escritas se perderam, possivelmente, no momento das escavações pelo fato de naquela época não haver arqueólogos profissionais e as que restaram atraíram milhares de pesquisadores. As escritas em paredes de Pompeia despertam curiosidades, pelo menos aos estudiosos atuais, questionamentos tais como: quem escreviam nas paredes? Quem eram os sujeitos autorizados a escrever e em quais situações e condições? Pompeia³ atualmente é visto como patrimônio histórico mundial e é considerada por estudiosos como o berço da pichação, quando foi redescoberta e começou a ser estudada foram encontrados os primeiros registros de escrita em muros, feitas a carvão, com um instrumento chamado *graphium*. Os enunciados pichados tinham cunho poético, publicitário, político, além de anunciar acontecimentos de interesse público e até serviços sexuais, declaração de amor. Não há como saber se havia restrição, controle, interdições de escritas também notamos a informalidade das escritas e os ortográficos.

Seguindo pela Idade Média tem-se também o conhecimento de que padres pichavam os muros de conventos adversários com o fim de expor sua ideologia, criticar doutrinas contrárias as suas ou mesmo difamar governantes.

Muito antiga, a prática da pichação já se fazia presente nos países desenvolvidos, mas foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o piche se desenvolveu com mais mobilidade, força e agilidade. A década de 1960 foi marcada por um período de descobertas, renovações e conturbação com crise política, social

travados pelos romanos contra os samnitas que lhes renderam uma série de territórios na Península Itálica.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pompeia.htm>
<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pompeia.htm>

³ Localizada aos pés do Monte Vesúvio, à margem do mar Mediterrâneo e nas proximidades da atual cidade de Nápoles, uma região da Itália conhecida como Campânia. Historiadores apontam que a região a ser habitada por volta da Idade do Bronze (entre 3.000 e 1.200 a.C.). <https://brasilecola.uol.com.br/b127168>

e econômica no Brasil e fora dele com protestos e manifestações: guerra fria, manifestação em Washington a favor dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos; Golpe Militar de 1964⁴, no Brasil. E é a partir desta década de diversos acontecimentos que a história da pichação vem ganhando materialidade. O ano de 1968 foi marcado por muitas transformações no histórico mundial. Ainda no Brasil, os jovens da época também se manifestaram para protestar contra injustiças sociais, o direito de liberdade de expressão e contra o regime militar e o autoritarismo. Ano em que a Análise de Discurso emerge com a discussão de questões que advogam contra o formalismo hermético da linguagem, questionando a negação da exterioridade. Nas paredes de várias cidades brasileiras, principalmente nas grandes cidades, a exemplo de São Paulo onde a prática da pichação chegou mais cedo em relação às outras cidades brasileiras, momento em que intelectuais como o filósofo Michel Foucault, Jacques Derrida entre outros se manifestaram através de suas obras. No caso de Foucault, voltava-se contra o abuso de poder através de suas obras e escritos tais como Vigiar e punir, As palavras e as coisas, O nascimento da clínica, Arqueologia do Saber, Corpos Dóceis, Escrita de Si entre outros. Em Arqueologia do Saber, a produção deste estudo envolve diversas leituras com base nos estudos do professor francês Michel Foucault.

2.2 Pichação: Superfície alternada no espaço urbano

Pichação: ato de escrever ou rabiscar envolve expressões gráficas pintadas em paredes de muros, viadutos, fachadas de edificações, asfalto de ruas, monumentos, usando tinta spray aerossol dificilmente removível, estêncil ou mesmo rolo de tinta. Nos limites de nosso trabalho, compreendemos a pichação como um discurso articulado a uma prática social.

Há quem pense que grafite e pichação são a mesma coisa. Em contexto geral, enquanto o grafite emerge da reconquista à pré-história, das pinturas rupestres aos escritos e desenhos das civilizações antigas passando pelas inscrições corporais encontradas em diversas tribos indígenas e é considerado uma forma de manifestação artística em espaços públicos e privado, como contextualiza Lima (2018,

⁴ Uma conspiração realizada pelos militares contra o governo de João Goulart. O conchavo contra esse presidente aconteceu por conta da insatisfação das elites com os projetos realizados nesse governo, em especial as Reformas de Base.

p.25), a pichação no Brasil, por sua vez, tem sua origem na ditadura como forma de protesto, e é julgado como desordem, fora do padrão legitimado, fora de ordem. Um dos pontos em comum entre ambas as superfícies é que tanto um como o outro demanda reflexão do espectador.

É bem visível que não se pode dizer tudo em qualquer lugar ou circunstâncias e é a partir deste pensamento que a ideia de pichação ganha materialidade nos espaços urbanos. O direito de falar pertence a quem é autorizado falar, mas, quem tem o direito privilegiado de fala e onde estão representadas? É visível que aqueles de privilégio de fala na mídia se ligam a outros discursos de vantagens. Assim, o sujeito interdito e controlado pelo poder recorre aos espaços não legitimados de escrita.

Uma pichação é essencialmente a assinatura da corporação. Portanto, ela se deixa marcar por símbolos e siglas que funcionam como logotipos os quais identificam o grupo de pichadores autores da obra, podendo conter o nome do grupo, a abreviação dos apelidos membros, região e data. Tem como característica letras quase que ilegíveis, símbolos indecifráveis. São consideradas, muitas vezes, como poluição visual, sujeira e ato de vandalismo, principalmente, quando a parede escolhida de um determinado local é pintada em pouco espaço de tempo pelo proprietário, daí um dos motivos, de na maioria das vezes, os pichadores escreverem, preferencialmente, em paredes públicas e com pinturas desgastadas visando a durabilidade do escrito por mais tempo. Acontece, também, algumas vezes, das obras não serem identificadas pelos pichadores que preferem não revelar suas identificações temendo contraposições, perseguição, ameaças. Há também aqueles que viajam para lugares distantes com o fim de registrarem passagem no local, essa prática é muito importante entre eles.

As atividades do picho não acontecem aleatoriamente, os grupos se organizam para as realizações dos trabalhos para alcançar a perfeição. Assim, Muros e Paredes ganham novas funções, como espaços que abrigam vozes de literários marginais. Cada Voz representa uma resposta a uma fala pronunciada anteriormente; uma denúncia de fatos históricos sociais ou políticos. O pichador é uma resistência nas ruas. Muitas vezes, pichar uma parede é busca de adrenalina, lazer, podendo também ser vício.

No Brasil, conforme a lei 9.605/98 em seus artigos 65 e incisos 1 esta prática é crime, vista essencialmente como transgressiva, visualmente agressiva, contribuindo para a degradação da paisagem, vandalismo desprovido de valor artístico ou comunicativo. Assim, os pichadores que forem flagrados nesta prática estarão sujeitos à pena de detenção que varia de 03 meses a 01 ano, e multa, para quem pichar, grafitar ou por qualquer meio conspurcar edificação ou monumento urbano.

Não é tão difícil encontrar marcas de pichações nos muros da cidade baiana, mas também não é fácil, por várias razões: pela interdição de pichações, pela falta de interesse e motivação pela atividade por temer represálias, ou até mesmo pelo fato de a maioria dos jovens de hoje serem menos lutadores pelas causas sociais em relação às épocas anteriores. Daí o motivo da cidade contar com poucos pichadores em atividades. A pichação representa, antes de tudo, a assinatura de um grupo de pichadores. É necessário frisar que a maioria dos piches na cidade é representada por símbolos. São símbolos e siglas empregados para identificar o autor da obra, letras confusas e difíceis de serem identificadas e, na maioria das vezes, só pessoas ligadas ao piche conseguem entendê-las. As turmas se relacionam de maneira amistosa ou hostil entre si, e isso também fica marcado nos muros. Os piches espalhados em locais públicos e privados apresentam assuntos relacionados aos problemas sociais e têm como um dos objetivos chamar a atenção de transeuntes urbanos, em relação aos fatos históricos que se inserem num conjunto de relações sociais; e, assim, gerando um conjunto de formas discursivas descartando a noção de unidade que Foucault tanto menciona em suas obras: *As Palavras e as Coisas* e *Arqueologia do saber*. As postagens analisadas em nosso trabalho apresentam uma singularidade de resistência expressando uma relação de forças em que os sujeitos dos escritos se negam a aceitar regulações passivamente e, assim, desencadeiam gestos de resistência através de seus escritos em paredes urbanas.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO

3.1 Análise do discurso

A análise do discurso (AD) emerge nos anos 60, em um momento particular, constituída em um período marcado pela relação da estrutura com a história do indivíduo, com o sujeito e da língua com a fala. Foi no contexto do Estruturalismo que surgiu o projeto da AD que passou a destacar-se como ligação entre a expansão da Linguística e a possibilidade de uma nova disciplina que tratasse do discurso. Em sua conjuntura intelectual, foi considerado o acontecimento teórico mais importante, depois do Estruturalismo, na França.

Segundo Maingueneau (2015, p.15)

O termo AD foi introduzido pelo linguista distribucionalista Zellig S. Harris (1909-1992), em um artigo intitulado exatamente "Discourse Analysis" (Harris, 1952) no qual "discurso" designava uma unidade linguística constituída de frase, de um texto portanto. Como Harris trabalhava o termo numa perspectiva estruturalista empregava a termo "análise" no sentido etimológico o de uma decomposição. (MAINGUENEAU 2015, p.15)

Neste cenário vemos que já havia se pensado em uma análise discursiva. Também, dentro da conjuntura teórico-política que precederam 1968-70, o filósofo Michel Pêcheux, influenciado pelos pensamentos foucaultianos, e envolvido com questões marxistas, psicanalistas, epistemológicas e à ciências humanas, e o linguista J. Dubois, inquieto com alguns aspectos e conotações pertinentes à linguagem, ainda que compartilhado ideias semelhantes em relação à luta de classes, de forma independente, elaboram a chamada Análise do Discurso.

Apesar de ciência sólida e bem instituída, a linguística, até então, resiste a alguns problemas insolúveis e é nesse contexto que a AD passa a ser instaurada. Assim, Marxismo e linguística presidem então o nascimento da AD em suas bases teóricas, propondo-a como novo modo de leitura. É nesse contexto que Dubois a coloca no terreno dos grandes estudos dos textos políticos da época, sendo pensada a passagem do estudo das palavras (lexicografia) ao estudo do enunciado (AD) procurando relacionar o linguístico com o meio sociológico, histórico e psicológico.

Já Pêcheux a concebe como a ruptura epistemológica com a ideologia que domina as ciências humanas, relacionando a questão do discurso com as questões que relacionavam sujeito e ideologia. Tanto para Dubois como para Pêcheux, uma disciplina se achava instituída, uma disciplina dita transversal, que se recusava a aplicar os conceitos advindos puramente da linguística, pois era na confluência de diversos campos do conhecimento que se romperiam as fronteiras e se constituiria um novo objeto. O discurso é prática de linguagem e é por meio dessa prática que estamos discutindo o tema desta monografia buscando entender regularidades e produções discursivas dos escritos de paredes.

3.2 Comunidade da Fala

Por comunidade de fala entendemos um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, bem como normas e atitudes diante do uso da linguagem (Guy e Zilles, 2007). Para se realizar uma pesquisa baseada no modelo discursivo considerado não legitimado e de desordem faz se necessário estudar uma comunidade de fala localizar os discursos proferidos nas superfícies de paredes e muros para coleta de enunciados de resistência. Este estudo se desenvolve a partir de algumas materialidades cartográficas encontradas na cidade de Feira de Santana.

O nome da cidade Feira de Santana é uma homenagem dos considerados fundadores. No século XVIII, o casal Domingos Barbosa de Araújo e Anna Brandoa ergueu uma capela na Fazenda Sant'Anna dos Olhos D'Água, em homenagem à sua santa de devoção, Senhora Sant'Anna. As origens do remontam ao século XVII, período inicial do povoamento de sua região através, principalmente, da criação de gado e da instalação de currais. O povoamento foi surgindo com a doação de terras pelos reis portugueses a alguns súditos. A Família Peixoto Viegas foi detentora das terras às quais teve início o Município, chamadas Jacuípe, Água Fria e Itaporocas.

É uma cidade do interior do estado da Bahia com características de “cidades desenvolvidas”, sua população foi estimada pelo IBGE para 1 de julho de 2021 em 624 107. Em termos populacionais, é o maior município do interior norte-nordeste do Brasil, com uma população mais numerosa em relação as nove capitais brasileiras: Aracaju - SE, Boa Vista-RR, Cuiabá - MT, Florianópolis-SC, Macapá-AP, Palmas-To,

Porto Velho - RO, Rio Branco-AC e Vitória - ES. O município está dividido em bairros e distritos: Bonfim de Feira, Governador João Durval Carneiro, Humildes, Jaquara, Jaíba, Maria Quitéria (antigamente, São José das Itapororocas), Matinha e Tiquaruçu. É uma cidade de fácil acesso, por se encontrar em um dos principais entroncamentos de rodovias do norte-nordeste do país, com funcionalidade de ponto de passagem do tráfego viário, fazendo com que a cidade se torne cada vez mais conhecida pelas várias pessoas que transitam pelo Estado baiano.

Município brasileiro no interior do estado da Bahia, Região Nordeste do país, encontra-se localizada no centro-norte baiano, a 108 quilômetros da capital estadual Salvador, com a qual se liga através da BR-324. É a maior cidade do interior das regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sul do Brasil, a sexta maior cidade do interior do país, com uma população maior que oito capitais estaduais. Cidade consolidada no vale do Rio Jacuípe, na borda ocidental do Recôncavo, a leste dos planaltos semiáridos.

Figura 1: Localização da Cidade de Feira de Santana e BR's



Fonte: Google Maps

É o principal centro urbano, político, educacional, tecnológico, econômico, imobiliário, industrial, financeiro, administrativo, cultural e comercial do interior da Bahia e um dos principais do Nordeste, exercendo influência sobre centenas de municípios do estado. É um importante centro industrial e comercial do Brasil, com um grande poder de compra e um forte comércio.

3.3 Filosofia de Michel Foucault

Foucault é um dos filósofos mais discutidos e refletidos na modernidade, suas ideias, pensamentos e práticas discursivas atendem e contemplam os objetivos da temática deste estudo. Por estes motivos esta produção envolve diversas referências deste filósofo, entre elas a *Arqueologia do Saber* (uma das consideradas de maior importância para este estudo por trazer melhor explicação com relação às regularidades discursivas), também utilizaremos as obras: *A Ordem do Discurso*, *Escritas de Si*, *Microfísica do Poder*, *As Palavras e as Coisas*, *Subjetividade e Verdade*, *A Hermenêutica do Sujeito*, *O que é um autor?* e outras que mesmo não sendo da autoria de Foucault dizem respeito ou contrariam as suas concepções, ideias, análises. Pode ser dito com convicção que Foucault é um dos teóricos mais estudados na atualidade – mesmo após sua morte – por contemplar uma diversidade de disciplinas de diferentes áreas. Também um dos poucos teóricos da modernidade a analisar e interpretar escritos de documentos históricos abandonados no passado. Segundo Foucault, (1987) seu estudo não trata de um revisionismo tendencioso, mas de um resgate histórico e detalhado de documentos que poucos deram importância; uma “arqueologia” em regiões abandonadas na história. “Um desenterramento de registros esquecidos” questionando dizeres discursivos, veracidade e autenticidade desses documentos históricos.

Para melhor entender a filosofia foucaultiana, é necessário saber que Michel Foucault (1926-1984), nascido em Poitiers, uma pequena cidade francesa, em dia 15 de outubro de 1926, de uma família de médicos, inicia seus estudos na medicina e para frustração de seu pai, escolhe outra área de atuação. Mudou-se para Paris no fim da segunda guerra, onde estudou filosofia e psicologia. Influenciador das ciências sociais, conceituou o discurso e a análise do discurso como método. Em 1951, após a prática de uma tentativa de suicídio, é internado no hospital psiquiátrico Saint-Anne. Lecionou na Universidade de Túnis, na Tunísia, entre 1966 e 1968. De retorno à França, onde se tornou chefe do departamento de filosofia de uma nova universidade experimental, a Paris VIII e em 1970, ele foi admitido no Collège de France, onde permaneceu como professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no período de 1970 a 1984, ano de sua morte.

Além das referências já citadas, a presente pesquisa conta com outras, também, consideradas de grande valor entre estes os estudos realizados na pesquisa como os trabalhos sobre leitura desenvolvidas por Borges (2020), líder do grupo de pesquisa LINSPI, além dos teóricos como Deleuze, Derrida, Lacan, também consideradas de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho, incluindo, também, leituras que contrariam as concepções foucaultianas.

De antemão, desde o começo dos estudos discursivos surgiram concomitantes visões distintas relacionados à análise do discurso. No início Harris (1991) designava “discurso” como unidade linguística constituída de frases, para melhor acomodação o do texto e como estruturalista utilizava o termo “análise em sentido etimológico, de decomposição. Foucault busca saber como certos conhecimentos são estabelecidos por meio de discursos, enquanto Maingueneau (1993), motivado pela “Arqueologia do Saber” de Foucault, fortalece uma concepção pragmática do discurso: no ato de fala (“enunciação”), os discursos articulam textos e contextos. O interesse de Derrida se dá na oposição escrita e discurso, difere de Foucault no modo como analisa o discurso, assim, criou a teoria da desconstrução do discurso e, portanto, das palavras, desafia a ideia de uma estrutura concreta e realça a noção de que não há estrutura ou centro.

Em Diálogo Deleuze e Parnet, 1996 afirmam

Seria preciso buscar uma ideia completamente outra, alhures, em outro domínio, de tal forma que entre as duas, alguma coisa se passa que não está nem em uma nem em outra. Ora, essa outra ideia a gente, geralmente, não encontra sozinho, é preciso um acaso ou que alguém a dê a você. (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 16).

A contribuição de Michel Foucault é de fundamental importância, por seu estilo contagiante na Análise do Discurso. Ele não se ocupa de definir o discurso diretamente e sem investigações, pois antes disso, o filósofo apresenta hipóteses e possibilidades buscando descobrir o que dá unidade ao discurso. Para o autor, o discurso é algo que atravessa livros, documentos, falas em públicos e conversas cotidianas de uma dada época. Desta forma, compreende-se também que o discurso atravessa muros e vão mais além do que se imagina e o controle surge a partir de interdição, de atravessamento, visto que todo discurso é uma construção social, que

reflete uma visão de mundo vinculada a de seus autores e à sociedade em que vivem e que só pode ser analisada considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção.

É necessário saber que o conceito de representação, na realidade, nunca esteve em consenso entre estudiosos. Em “*As palavras e as coisas*”, Foucault argumenta sobre o a evolução do conhecimento em momentos diferentes da história, a ocorrência do desligamento da linguagem e do real, o que fez com que a literatura emergisse. O nascimento da representação desligada do real está bem representado em “*Isto não é o cachimbo*”, por não imitar o real, uma vez que representa a realidade repetindo-a e transformando-a. Ao pensar a obra de pintores a exemplo a de René Magritte, mostra que a obra de arte deve se libertar o signo. A imagem não necessariamente teria que se ligar à legenda e ao signo que busca afirmá-la, poderia, pelo contrário, assumir o papel oposto. Uma atitude como esta possibilita à obra de arte ser admirada como não detentora de uma única verdade, enriquecendo e valorizando seu conteúdo. Foucault dar maior incentivo aos artistas. Suas obras partiriam do real para ficcionalizá-lo, não precisariam ser cópias ou imitação desse real para possuírem valor. Essa noção da arte (como algo que se refere ao real, mas ao mesmo tempo se distancia dele quando amplia as possíveis interpretações) é, em Foucault, uma grande jogada que valoriza a arte e o artista. O poeta, dramaturgo, romancista ou pintor são agentes. Para lembrar alguns, destacaremos Platão, Aristóteles, Luiz Costa Lima e Erich Auerbach, e por fim: Michel Foucault.

Para a realização das análises dos discursos das postagens ou cartografias é exigido a compreensão do que Foucault tanto explica, cuidadosamente, sobre discurso e pode-se afirmar, com convicção, que alcançar uma reflexão exatamente como ele produz e reproduz é ainda uma tarefa duradoura e muito difícil.

No final da década de 60 a problemática do discurso se fazia presente na França. Para chegar ao conceito de formação discursiva Foucault precisou analisar a possibilidade de dar uma unidade ao discurso numa identidade só, assim, separando tal unidade em quatro possibilidades: unidade do objeto, modos enunciativos, formação do conceito e tema. No primeiro caso, percebeu que não era possível traçá-lo com os objetos que emergem dentro deles mesmo, já que, os objetos específicos se diferem com o passar do tempo. Com relação aos modos enunciativos, interessa entender como se organiza o foco da análise sobre as modalidades enunciativas:

quem é o sujeito falante; os lugares institucionais de obtenção do discurso; a posição do sujeito em relação aos diversos domínios e objetos no discurso. A quarta possibilidade está relacionado com a prática dos temas teorias e estratégicas de cada discurso. Foucault percebe que há a presença de evolução nos temas e acha mais produtivo encontrar um campo de possibilidade para diferentes teorias e tomada de posição para o discurso, assim apostando o foco da análise na dispersão e não na unidade. Foucault conclui que essas quatro possibilidades ou hipóteses não descrevem a realidade de cada discurso. As formações discursivas são formadas por regras firmadas a partir das condições dos objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolha temáticas. Na atualidade, percebe-se o quanto o filósofo estava à frente do seu tempo e que as teorias e práticas utilizadas por Foucault em décadas passadas podem ainda ser utilizadas nas análises discursivas.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, pode voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.” (FOUCAULT 2014 p.46)

Segundo Foucault (1987), os enunciados despontam na fala dos sujeitos como ação que surge a partir de condições de existência através de outros sistemas de enunciados. Entende-se que ao sujeito proferir determinados enunciados, vai além de uma simples pronúncia de palavras. Descrever um enunciado na perspectiva foucaultiana é, portanto, buscar entender que os enunciados não são restritos a frases e orações, já que as mesmas frases podem ter sentidos diferenciados, o que podem ser vistos a partir de um sentido positivo e negativo. No caso do presente estudo, esse valor é considerado positivo quando a sociedade compreende a ação do piche como um alerta com relação aos acontecimentos atuais na sociedade e negativo quando entendem que são apenas sujeiras nos muros da cidade. Buscaremos, em nossa análise, entender esses enunciados dentro de um conjunto de saberes, no qual a frase gramaticalmente só terá sentido a partir do discurso, ou seja, do conjunto de saberes, em forma de enunciados, transmitido pelo sujeito. A língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição obtida a partir de um conjunto de enunciados reais. Contextualiza

também que os discursos não se justificam por si só, e sim, emergem dentro de um campo enunciativo no qual são construídos. Daí o debate central em a Arqueologia do Saber ser o conjunto de enunciados em seu acontecimento. O enunciado, no que lhe diz respeito, não está situado nem nas regras de formação de uma sentença, nem tão pouco, nas severidades do ilocutório, ou na lógica de proposição e sim dão condições de possibilidade para a existência de todas as formas de se analisar signos, (FOUCAULT, 1987).

O campo discursivo não dá margem a uma unidade regular única e particular, pelo contrário busca analisar e deixa ser analisada. Como afirma Foucault, sua unidade é variável e relativa. Ela perde sua evidência e não se indica a si mesmo. A obra não pode ser considerada como unidade imediata, como unidade certa ou homogênea. Como analisa Foucault (1987):

A esse tema se liga um outro, segundo o qual todo discurso manifesto, repousaria secretamente sobre um já-dito; e esse já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um jamais-dito, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. (FOUCAULT, 1987, p. 28)

O filósofo nega a ideia de remeter o discurso à longínqua presença da origem e afirma necessidade de tratá-lo no jogo de sua instância no seu momento. Dessa forma, é preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e a sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. Ao contrário do que podemos imaginar, esse jogo discursivo está presente nas pichações.

Para Foucault:

O termo resistência aparece, então, a partir dos anos 70 com um sentido bastante diferente daquele que tinha a “transgressão”: a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder; assim tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de luta e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte. A análise dos vínculos entre as relações de poder e os focos de resistência é realizada por Foucault em termos de estratégia e de tática: cada movimento de um

serve de ponto de apoio para uma contra-ofensiva. (FOUCAULT, 2005 p.74 e 75)

Se o poder instaurado controla a divulgação e as práticas urbanas nas ruas, pichar se torna uma forma de contradizer o poder e resistência. A sociedade, por sua vez, se manifesta contra esse tipo de invasão de visibilidade pública acreditando que os piches só servem para emporcalhar a cidade e impedir a tal “sujeira” limpando e repintando os muros e paredes. Contudo, como defesa, os pichadores fazem inscrições cifradas e se repudiam contra uma sociedade de controle.

O dizer de cada um representa uma voz, e nós nos constituímos pelas vozes das pessoas com quem nos comunicamos e essa comunicação permite que nos revelemos um para o outro em processo de subjetivação. As palavras do outro introduzidas na nossa fala tornam-se algo novo, ou seja, são encapadas de novidades em termos de nossa compreensão e avaliação. Sendo assim, as vozes dos pichadores expressam resistência por não aceitarem regulações pacificamente. Os dizeres de muros se inserem num conjunto de relações sociais desencadeadas numa perspectiva histórica. Para Foucault (1987), a posição do sujeito, os lugares onde aparecem os discursos também são considerados importantes porque podem dar legitimidade ao que está sendo dito. Os discursos encontrados em lugares inesperados como em paredes, muros, banheiros, edifícios, viadutos, banco de praças são muitas vezes considerados fora de ordem, representam ameaça para quem detém o poder. Os produzidos nas postagens que veremos, logo mais, podem apresentar diferentes sentidos no que diz respeito à descrição dos acontecimentos discursivos. Dessa forma, entende-se que as relações humanas são permeadas pela linguagem, contribuindo para a constituição do sujeito no mundo. Esse sujeito, por sua vez, pode modificar o lugar em que vive.

A prática das discursividades pichadas nas paredes da cidade de Feira de Santana, pode ter surgido em momentos de conturbação, de desconfiança no poder público, problemas políticos, sociais e econômicos. Na arqueologia, o discurso é determinado por uma regularidade que possibilita que algo apareça como verdadeiro. Assim, Foucault o compreende pela análise do saber, pois não há saber sem uma prática discursiva definida, e afirma essa prática pode definir-se pelo saber que ela forma. Na genealogia, a análise do discurso toma-se um caráter político, o filósofo

mostra que o discurso manifesta e produz poder. É considerado dispositivo de poder ao possibilitar seu exercício e é seu efeito quando produzido por ele de forma direta, como conjunto de “coisas ditas”. E este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais dito”.

Na verdade, entender a definição de discurso em Foucault não é uma tarefa fácil, mas necessária, ou ainda compreender o filósofo é muito árduo porque seus textos exigem reflexões complexas e de difícil compreensão. Primeiro, Foucault diz o que não é discurso para evitar ser confundido com uma retórica, com palavras da fala de um indivíduo ou coisas ditas, apresenta hipóteses e as analisa cuidadosamente para evitar equívocos. Ele vê o discurso como uma série de enunciados e o determina como um interstício onde se pode organizar o que é possível ser dito, o que pode ser considerado uma verdade ou uma mentira, que pode ter validade de ciência ou não, uma fala lógica do sujeito participante. Firma o também como ato de falar, transmitir e formular ideias, um conjunto de enunciados pertencentes a campos diferentes que seguem a regras que podem favorecer o aparecimento de enunciado e o desaparecimento de outros, daí entendemos o seu funcionamento como construção da realidade material envolvida por um complexo de signos para além do discurso. É importante saber que essas regras não são só linguísticas ou formais, mas que elas reproduzem separações historicamente determinadas. Em *A Ordem do Discurso* (Foucault, 1996), o historiador das ideias propõe a hipótese de que “*quem domina o discurso, domina também, todos os mecanismos de poder e os corpos*”. Dominar um discurso apresenta formas de organização em procedimentos internos e externos. Na concepção de Foucault 2014

Em toda sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam e reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica fossem um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (FOUCAULT, p 9, 2014)

Este estudo tem como tema a Análise Cartográfica de Escritas de Rua, conhecidas popularmente como pichações. Estas escritas são registradas nas paredes da cidade de Feira de Santana-Bahia, contemplando o espaço social e histórico se desenvolve através do estudo da materialidade discursiva das pichações, na perspectiva teórica dos estudos foucaultianos, tomando como procedimento metodológico tanto a arqueologia, quanto a genealogia, ou seja, uma arqueogenealogia do filósofo Michel Foucault. E analisa 11 pichações encontradas nas paredes da cidade.

Décadas atrás via-se com mais frequência uma quantidade maior de muros e paredes pichadas. A impressão que gira em torno da tal situação é que talvez os jovens da atualidade não se disponham de tempo suficiente para a tal prática, ou quem sabe, a cidade está gozando de tempos melhores no campo social, político e econômico.

4 ANÁLISE DAS PICHAÇÕES: CARTOGRÁFICA DAS ESCRITAS DE RUA

Compreendemos que a interação humana, por meio e no espaço da linguagem, contribui para a constituição do sujeito no mundo. A prática de pichações, também, traz uma leitura abrangente e envolve questões que atravessam o estatuto institucional e sua “maquinaria” de poder e controle sobre os corpos. Ela funciona de modo a dar visibilidade a temas muitas vezes despercebidos, dispersos que colaboram para o processo de subjetivação dos sujeitos, têm como propósito estabelecer comunicação social.

Em nosso estudo da materialidade linguística de pichações, aderimos à perspectiva teórica da Análise do Discurso com base nas posturas arqueologia/genealógica de Foucault. Entendemos que na concepção foucaultiana, o Ocidente, a governamentalidade apresenta-se sob duas faces: de um lado, o governo que controla a relação entre sujeitos e, de outro, o governo como relação do sujeito consigo mesmo.

Segundo Fernandes, (2011)

Nas ações de disciplinamento social dos indivíduos no espaço urbano, podemos verificar que o controle sobre o cidadão não é aceito pacificamente. Isso quer dizer que as formas específicas de sujeição e de controle sobre o sujeito são desrespeitadas quando certos dizeres se projetam de uma lata de tinta spray num exercício de resistência. Na Modernidade, essa forma de resistência ocorre por causa de um processo rarefeito do poder de publicação e das formas de monitoramento das produções escritas. Dessa forma, o pichador atuaria num gesto de resistência, para demonstrar que vivemos numa sociedade de normatização, mas não normalizada. As ações de poder controlador das ações humanas são monitoradas por normas específicas, mas não ocorre uma assimilação pacífica desses poderes. (FERNANDES, p.242, 2011)

Os dizeres das pichações aparecem carregados de marcas que nos permitem interpretar as relações de poder entre os sujeitos discursivos que habitam uma cidade. Para Deleuze (2014 [1986]), poder refere-se a relações de forças. Forças essas que se mostram em lados opostos. As leituras cartográficas são práticas que resistem ao controle do biopoder. De acordo com o saber discursivo, todo discurso representa uma construção social que reflete um olhar atrelado ao de seus autores e à sociedade em que

convivem, sendo apenas analisado em seu contexto histórico-social e suas condições de produção.

O piche 1 foi encontrado na parede externa da frente do Colégio Gastão Guimarães, situada na Avenida Sampaio no centro da cidade. Há um sentido muito forte no enunciado “GREVE GERAL” que atravessa a história social e política do homem. Um sentido de resistência aos controles institucionais, o enunciado “GREVE GERAL” representa um manifesto contra injustiças, insatisfação popular, mas também pode ser visto pelo poder de uma outra forma: bagunça, tumulto sem fundamentos, para chamar a atenção, manifesto dos desocupados, como tem sido avaliado em todos os eventos.

Piche 1: Muro do Instituto de Educação Gastão Guimarães, Avenida Sampaio. “GREVE GERAL”



Fonte: foto da autora

“Greve Geral” gera diversos discursos e enunciados positivos e negativos. Segundo Foucault (2010), discurso pode ser entendido como uma prática, que constrói seu sentido nas relações e nos enunciados em pleno funcionamento discursivo. O que atravessa este manifesto que faz parar a maior parte das cidades brasileiras? São gritantes os enunciados populares que clamam não apenas por direitos trabalhistas, necessidade de melhores condições de trabalho e aumento de salário, mas também pela estabilidade econômica do país, direito à uma educação de qualidade para todos, entre outros. As instituições de poder, por sua vez, correspondem com a força da violência fazendo com que gere uma variedade de

sentidos construídos com relação a Greve Geral. Entre esses sentidos imperam com frequência os negativos com discursos que parece ser verdadeiro.

Manifestos como esse tem sua origem a partir de acontecimentos de exclusões, separações e interdições dos direitos negados aos trabalhadores de diversas categorias profissionais, à sociedade como um todo. Os grevistas se reúnem em grupos em todas as partes do país para manifestarem em prol de seus direitos e esperam alcançá-los. Direitos esse que são envolvidos por um discurso que parece ser verdadeiro. Como analisa Foucault (2014, P.10), o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou o sistema de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.

Segundo Foucault (1987), a análise do pensamento é sempre alegórica em relação ao discurso que utiliza. Sendo assim, há sentido construído desse enunciado que não se aplica à unidade discursiva, visto que este enunciado se reconstrói cada vez que é pronunciado pelo falante sem, contudo, remetê-lo à longínqua presença da origem, mas no jogo de sua instância; trata-se de um já-dito, ao mesmo tempo não-dito sendo pronunciado por um outro como um novo dito. O sentido do enunciado não se repete, mas se atualiza sempre. O dito autor desse enunciado deixa de ser autor, no sentido usual do termo, devido ao fato de produzir anonimamente, além de, como defende Foucault (1987), ocupar posição de quem não precisa assinar um nome próprio, mas tem como função reunir e fazer circular determinados discursos e não outros.

Ao ser anunciado por sujeitos diferentes, os discursos revelam um outro sentido num dado momento, pois, o sujeito ocupa uma posição que pode ser tomada por sujeitos empíricos diversos e em momentos diferentes, o que torna a construção histórica constituída por relações de poder e saber variados em verdades distintas. A cada época, ele tem uma verdade que o atravessa e, portanto, produz posições de sujeitos diferentes, segundo contextualiza Foucault em seus escritos.

Neste mesmo contexto, o filósofo francês diria que os pichadores dos escritos desta pesquisa podem ocupar esse lugar de sujeito empírico.

A imagem do piche 2, abaixo, está localizado em uma das paredes laterais do viaduto Georgina Erisman, interligadas às avenidas João Durval Carneiro e Ayrton Senna da Silva e representa a imagem de uma embalagem, criativa, de uma caixa de medicamento tarja preta, acreditamos que esta atitude tem como objetivo chamar a

atenção de transeuntes, o autor se utiliza do discurso médico para solicitar a prática do respeito entre as pessoas. A imagem da caixa de medicamento farmacêutico contém descrições semelhantes às de uma caixa original: nome comercial (*Respeito*); nome da substância química (*cloreto de tolerância*); marca de código de barra; registro; indicação de quantidade a ser ingerido pelo paciente (*2,4 mg/m*); indicação de uso (*uso adulto e pediátrico, uso sem prescrição médica*); mensagens de distribuição gratuita e efeito colateral (*O uso dessa substância pode deixar a sociedade mais agradável*). Na tarja preta há um conselho do suposto ministério da saúde que como instituição de controle diz como o usuário deve utilizar o produto da caixa, dando uma ordem camuflada, dizendo o que pode ou não, exercendo controle ao dizer: “o uso dessa substância pode deixar a sociedade mais agradável”. Supomos, a partir do texto da caixa: “Respeito - cloreto de tolerância,” que o autor está voltado para o histórico científico tradicional de confiança, segurança e seriedade o termo “Respeito” ganha um novo significado e é representado como recurso para curar enfermidade ou aliviar dor, desconforto. As pessoas depositam confiança em medicamentos desta qualidade, A caixa tem apresenta um formato tradicional de medicamentos com modo de uso dá ideia de verdade na palavra "Respeito".

Piche 2: Parede do viaduto Georgina Erisman – 2020; “RESPEITO”



Fonte: Foto da autora

Concordamos com Orlandi (2007) quando afirma que o discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. O conjunto imagem e palavras utilizado por este pichador reúnem elementos discursivos que dão sentido aos dizeres que se inserem nesta formação, chamando a atenção dos transeuntes, e acreditamos que, também, a de muitas outras pessoas que a veem. A forma como o pichador expõe seu discurso, talvez, se este mesmo discurso fosse escrito uma outra modalidade não chamaria menos atenção. O escrevente se utiliza da metáfora da caixa de remédio, tradicionalmente conhecida de todos, para advertir as pessoas a necessidade e importância do *respeito* de um para com o outro. O que atravessa esta fala é o pressuposto da ausência descontrolada do *respeito* na sociedade em geral, pois são transparentes os enunciados “uso adulto e pediátrico” e “uso sem prescrição médica”. O lugar da escrita onde está postada a cartografia também deve ser levado em consideração devido ao fato de dar legitimidade ao que está sendo dito, talvez, se esta mesma mensagem fosse escrita nas redes sociais ou jornais e revistas em espécie nesta mesma modalidade, não teria semelhante repercussão, poucas pessoas a leriam, visto que temos uma nação de poucos leitores segundo afirma pesquisa da Retrato de leitura⁵ no Brasil (2019).

Os dizeres se inserem em uma série de relações sociais e históricas dando sentido ao que foi dito.

O piche 3, está registrado na parede da Universidade Estadual de Feira de Santana. “Pra que(m) serve o teu conhecimento?” pode ser subdividida em dois questionamentos diferentes: “Pra que serve o teu conhecimento?” e “Pra quem serve o teu conhecimento? São indagações polêmicas que causam um impacto muito forte no leitor, exigindo dele uma autorreflexão sobre si, fazendo-o pensar a sua subjetividade e a serventia dos seus conhecimentos construídos principalmente na instituição acadêmica, cuidado de si e no cuidado dos outros. Uma vez que, a presença de um discurso deste tipo é registrada em uma das paredes de uma universidade, entendemos a existência de circulação de regularidades que nos

⁵ Grupo que realiza pesquisa sobre a leitura no Brasil, tem por objetivo avaliar o comportamento leitor. Tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros.

atravessam e também atravessam os muros da instituição, por ser um ambiente de crítica social onde a prática do questionar conhecimento reproduzido deve ser um dos aspectos primordiais do juízo universitário. Pelo motivo de a escrita estar naquele lugar de visibilidade, provavelmente, a intenção do autor seja a de torná-la visível a todos que ali frequentam. Trata-se de um questionamento de autorreflexão sobre o conhecimento adquirido na academia e fora dela.

Piche 3: Universidade estadual de Feira de Santana (próximo ao bandeirão)



Fonte: Foto da autora

O método arqueológico-genealógico um modo de subjetivação que, enquanto forma de tecnologia de si interessa a Foucault, é preciso dizer a verdade sobre si mesmo. O escrito cartográfico pode ter várias regularidades que implicam o conhecimento de si próprios a partir de seus saberes, escolhas, necessidades, compreensão. Regularidades. essas, que atravessam tempos e espaços com sentidos diferentes.

Temos o conhecimento de que em 2008, expressão semelhante foi registrado na parede do prédio de salas de aula do Instituto de Letras e do IFCH, da Universidade Federal do Rio grande do Sul durante a apresentação do seminário organizado pelos grupos Levante Popular da Juventude⁶ e Coletivo *Muralha Rubro Negra* sem

⁶ Uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação estrutural da sociedade brasileira. Somos a juventude do Projeto Popular, e nos propomos a ser

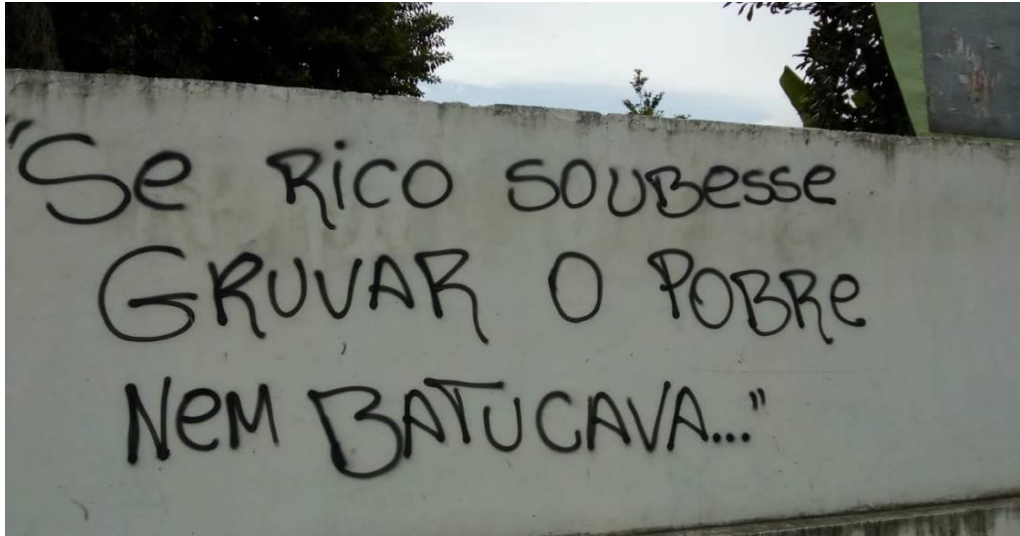
autorização da direção da instituição, a qual exerce o poder da interdição do escrito por ser uma expressão polêmica e gerar diversas críticas. Dois meses após a instituição passa a aceitar a expressão informando que “antes de ser vandalismo, é um ato de extremo estímulo ao pensamento crítico, eivado de indagação filosófica que não desmerece o patrimônio”.

Acreditamos que diante de uma situação deste tipo o arquivista diria: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? (Foucault, 2007, p. 8). São indagações que Foucault apresenta na aula inaugural no Collège de France, proferida em 02 de dezembro de 1970 que ainda hoje implica em sentido produção de efeito de verdade. Entendemos que não é intenção das instituições universitárias produzir corpos dóceis e sim corpos críticos.

O que pode ter motivado para que este enunciado fosse escrito desta forma e não de outra, possivelmente estar atrelado à produção de sentido em um estado de dúvida com relação às escolhas feitas, o simples fato da a pessoa estar ali, naquele lugar, na condição de estudante, profissional, visitante talvez. O Coletivo Muralha Rubro Negra é um grupo de pessoas que se dedicam a criar arte de rua foi fundado em 2007 para a prática muralista. Tem como objetivo não apenas fazer muralismo e sim estar engajado e comprometido com a transformação social. Caráter de intenção revolucionária, o muralismo é veículo de comunicação para potencializar os conflitos existentes.

o fermento na massa de jovens do país. É um movimento que luta por um Brasil melhor. Estamos nas escolas, periferias, universidades e no campo, somos resistência.

Piche 4: parede do Instituto de Educação Gastão Guimarães- Avenida Sampaio – Centro



Fonte: Foto do autor

A narrativa do piche 4, “SE O RICO SOUBESSE GRUVAR O POBRE NEM BATUCAVA” encontra-se na parede Instituto de Educação Gastão Guimarães faz parte da letra da música Tijolo Posada e o Clã, composição de Carlos Posada e sinaliza resistência de controle e poder, pois entendemos a partir desta ideia o domínio da classe alta sobre a baixa, desigualdade social. O sentido da palavra “gruvar” remonta “arrasar”, “se destacar”, “agir com sabedoria”. “*batucar*” neste sentido significa “alertar se”, “manifestar-se”. Temos aí um jogo de palavras que dá significado ao conjunto de enunciados que circulam, atravessam a sociedade de maneira estravagante pautada em premissas políticas beneficentes ao rico na maioria das vezes. O fato de essa escrita está registrada em uma parede de grande visibilidade dar um sentido ainda maior ao que está sendo dito, além de, desperta diversas reflexões no público leitor. As condições de produção para que este argumento fosse escrito dessa forma está atrelado à realidade das condições financeiras de muitas famílias pobres desta cidade.

Segundo Borges & Farias (2020)

[...], também é preciso reconhecer que há práticas de leitura muitas vezes infames, que ficam à margem, não tendo visibilidade em espaços considerados legítimos de leitura, não reconhecidos pelas instituições que detêm o saber leitor, mas são práticas que passam a ter visibilidade quando confrontam o poder, a exemplo das leituras de manifestos, pasquins, tabloides, grafites, música de rap. BORGES & FARIAS (p.51, 2020)

“Se Rico soubesse grubar o pobre nem batucava”, representa uma prática discursiva que dá visibilidade aos sentidos produzidos históricos atravessado por relações de poder. Um enunciado como este estará sempre à margem da mídia, por isso, de forma alguma terá visibilidade em espaços considerados legitimados por ser visto como um discurso fora de ordem. Quem tem permissão para escrever se liga a outros enunciados em outros espaços de privilégios e em outras leituras.

O Piche 5, localizado na parede do trecho Ladeira do Najé, bairro Barroquinha, Feira de Santana - Bahia : “+ Respeito para o povo preto!!!” encontra-se localizado em um local de visibilidade, ladeira de convergência para o centro da cidade. Representa um discurso de resistência, manifesto contra a discriminação racial, problema que atravessam mais de um século e que ainda, hoje, se mostra bem presente no histórico contemporâneo e é sobretudo, uma relação de poder que se revela em circunstâncias históricas de tratar pessoas de pele preta com diferenças e desrespeito. Almeida argumenta que

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, p22, 2019)

Piche 5: Parede do trecho Ladeira do Najé, bairro Barroquinha, eira de Santana - Bahia: + Respeito para o povo preto!!!



Foto da autora.

Não faz parte do nosso estudo buscar entender de que forma as leituras de pichações são interpretadas pelo leitor, mas o que pretendemos mostrar, aqui, é que a leitura no domínio discursivo Foucaultiano é considerada prática discursiva

atravessada pela relação do saber-poder, dessa forma, sendo constitutivas das subjetividades anunciadas, negada enquanto decodificação/interpretação de código verbal escrito.

A maneira como o manifesto está estruturado, o lugar escolhido pelo escrevente, o uso de símbolos dá maior sentido ao que foi dito. O símbolo de adição foi usado no sentido original “*mais*”; os três sinais de exclamação juntos dão ideia de entonação com “*espanto*”; no caso do símbolo “cruz-de-Nero” ou “pé de galinha” o qual contém outros significados, optamos “*paz e amor*” por obediência ao contexto do escrito. Contudo, o pichador se manifesta apelando por maior respeito ao povo negro.

Este discurso pode ter sido produzido por uma pessoa de etnia negra ou por uma pessoa antirracista de outra etnia, já que a palavra “povo” parece indicar um certo distanciamento de apropriação da pele de quem o produz.

A postagem 6, registrada na parede da Universidade Estadual de Feira de Santana – Ba: “*Para que não se esqueça - 50 anos do Golpe Militar - Para que nunca mais aconteça! AVANTE POPULAR DE JUVENTUDE!*”. Há possibilidade deste piche, ter sido, também, reproduzido por estudantes da instituição. Este piche faz referência ao golpe de Estado de 1964, após a ditadura militar, época em que os estudos discursivo estavam em efervescência bem como a crise política e social se fazia presente e os estudantes começavam a pressionar em busca de seus direitos também os intelectuais buscavam levar suas ideias além dos muros das universidades, os estudantes franceses se revoltaram contra o sistema educacional francês e exigiram um campo de pesquisa que trabalhasse com as linguagens, produção de sentido por meio das linguagens e assim, a Análise do discurso ganha forma.

O sentido construído de “*50 anos do Golpe Militar*” é marcado por uma memória de sofrimento e dor, lugar em que o poder se mostra presente de todas as formas com punições, assassinatos, exílios, humilhação. Momento em que faz surgir grupos de resistências contra o poder.

Piche 6: Parede da Universidade Estadual de Feira de Santana - Ba - fundo do Cau:
 - “50 anos do Golpe Militar - Para que nunca mais aconteça! AVANTE POPULAR DE JUVENTUDE! 1964



Fonte: Foto da autora

A pichação 7, encontrada à frente do cau 2 da Univeraidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e faz referência ao Bando Enunciador Trata-se de um infográfico, por ser um texto visual contendo informações verbal e não verbal sobre um tema. Sendo assim, este piche infográfico anuncia informações sobre o Bando enunciador, um evento cultural uma das mais antigas tradições de Feira de Santana, surgiu no século XIX. Tinha como objetivo proclamar o início das festividades em homenagem à Senhora Sant'Anna, padroeira da cidade. Em 1987, o festejo popular foi extinto pela Prefeitura de Feira de Santana e pela direção da Diocese, anos após voltou à ativa, mas desta vez, financiado pelos participantes, mais uma vez parou as atividades por conta do momento pandêmico. O Bando era formado por populares trajando fantasias com diversos estilos e temas, o evento segue acompanhado por bandas e fanfarras que percorrem as ruas do centro histórico da cidade como Praça da Igreja Matriz, ruas Conselheiro Franco e Sales Barbosa.

Entendemos sobre discursividade em Foucault que, ler não significa compreender, somente, o que está dito em um texto, mas também, na captura dos discursos em sua dispersão, nas discontinuidades; está diligente aos dizeres evidentes e não evidentes estando às margens.

Figura 7: paredes do cau 2 – Universidade Estadual de Feira de Santana – Ba, “O BANDO ENUNCIADOR”;



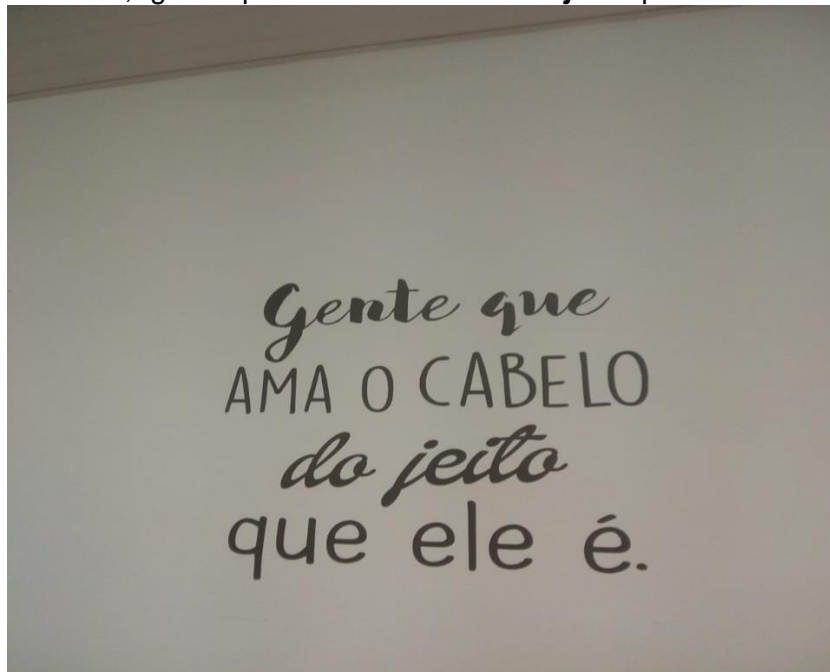
Fonte: Fotografia da autora

O escrito de número 8 “Gente que ama o cabelo do jeito que ele é” está localizada no interior de um salão de beleza localizado na Avenida Sampaio. Destinado às pessoas que preferem o uso de cabelos cacheados ou natural. A quem pertence este tipo de enunciado? É um discurso de pertencimento, resistência, afirmação que identifica a raça de uma pessoa e atravessamentos operados para quem se aceita da forma que é. O sentido construído desse enunciado reforça a importância da aceitação, autodeclaração e valorização de si como pessoa negra, de características possíveis à sua raça. A ideologia do racismo diferencia e inferioriza as raças atribuindo crença de desigualdades sociais, culturais, políticas, psicológicas, desse modo, legitimando diferenças sociais e julgamentos morais entre grupos raciais com base distinções biológicas.

O lugar de fala, no caso o do salão, os atributos que caracterizam o espaço, a forma como o enunciado foi escrito em jogo de palavras com destaques em caixa alta, cursiva e imprensa, a clientela negra e de cabelos crespos, em uma maioria, os discursos circulados no ambiente dão significado e sentido ao que está sendo dito na

parede do espaço: “Gente que ama o cabelo do jeito que ele é”. Tudo isso representa resistência contra o racismo, tão presente na atualidade. É lógico pensar o preconceito racial como um problema de longa durabilidade, mas também é lógico pensá-lo como objeto que será sempre resistido, rebatidos pelas gerações futuras. Se esse enunciado pichado fosse escrito em outro lugar diferente a exemplo em um salão frequentado por pessoas de cor branca, talvez o sentido fosse outro, isso iria depender do contexto de escrita, do lugar, da produção de sentido e das regularidades circulantes no espaço.

Figura 8: Parede do salão Industria dos cachos Avenida Sampaio Feira de Santana - BA, “gente que AMA O CABELO **do jeito** que ele é”



Fonte: Foto do autor

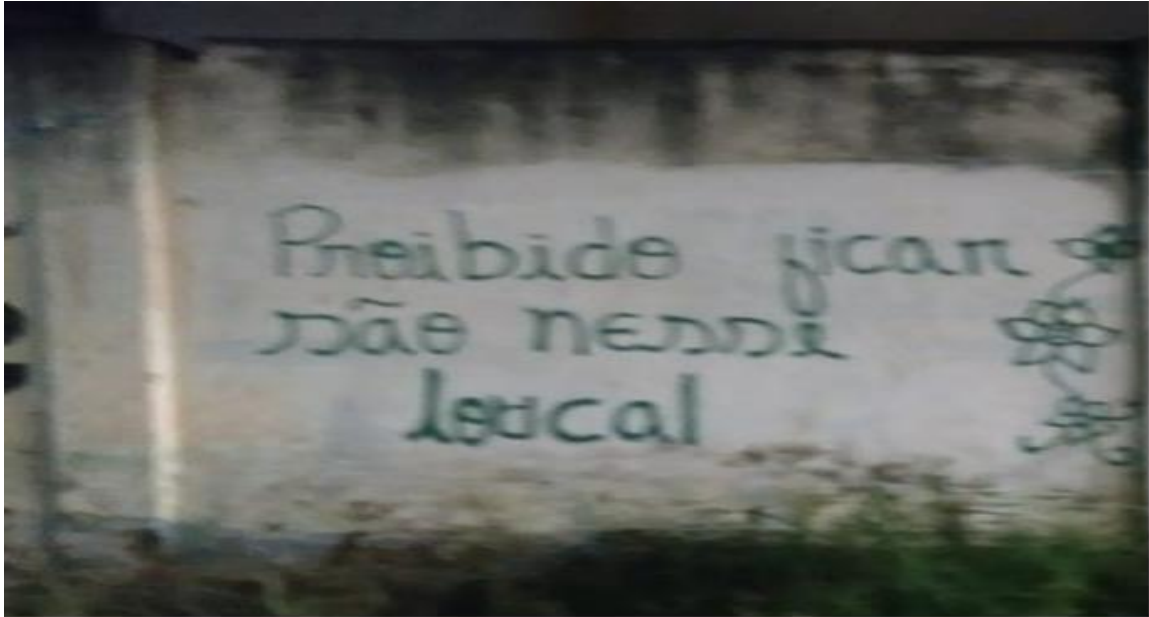
As regularidades que circulam o lugar de fala do discurso de resistência estão atreladas ao saber/poder, ao dizer a verdade. A resistência se dá onde há poder e onde há poder há, também resistência. Não é contra o poder que nascem as lutas contra o racismo, mas contra certos efeitos desse poder.

O piche 9, “*proibido ficar são neste local*” encontra-se registrado em terreno baldio situado à rua Tomaz de Aquino, no bairro do Tomba. De acordo com os ditos populares da cultura baiana a palavra “são” faz referência à pessoa que não está ou faz uso de entorpecentes (diz-se de droga, medicamento ou outra substância), a palavra representa um dizer comum em uma roda de amigos. As palavras não têm o

poder de significarem-se isoladamente, pois, é o texto que significa e quando elas significam é porque suas interpretações proveem de discursos que as sustentam.

Há várias regularidades que circulam em torno deste escrito que impõe procedimentos de interdição que delimita um estado para quem se encontra naquele determinado local, que dar sentido ao dizer do pichador(a).

Figura 9: Muro de um Terreno baldio na rua Tomaz de Aquino, Birro Tomba– “Proibido ficar são neste local”



Fonte: Foto da autora

A separação/rejeição define o espaço privilegiado de fala, não mais o que é e sim quem pode falar os assuntos proibidos, exemplo quem tem o direito privilegiado de falar sobre medicina, no caso, o médico. Assim temos dois campos opostos: o lado do campo lógico que diz respeito ao campo do sentido e o lado ilógico que está no campo da ausência do sentido, o campo de quem está autorizado a falar e o campo de quem não tem autorização para falar, não é comum uma pessoa que não faz uso de entorpecentes pronunciar um enunciado deste tipo. Exclusão, e rejeição estão relacionados com o saber-poder. O local em que o enunciado está exposto também é um motivo para se pensar atravessamentos e condição de produção do escrito ser desta forma e não de outra, também a imagem ao discurso produzido.

Um enunciado como este nos remete a pensar quem está autorizado a ficar são neste local é curioso o “*ficar são*” porque envolve uma porção de sentido, pois

pode estar relacionado a entorpecentes ou qualquer outro tipo de substancia como remédios.

O piche 8 “*E se o wifi transmitisse o amor?*” está grafado no muro de um terreno baldio localizado no Bairro Tomba na rua Tomaz de Aquino. O Wi-Fi é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos, é uma abreviação da expressão “Wireless Fidelity”, que no Brasil significa fidelidade sem fio. No contexto atual, a maioria das pessoas de várias faixas de idades (de crianças a idosos) fazem uso desta ferramenta, muitas vezes, de maneira tão excessiva a ponto de perder o autocontrole. Há quem utilize a ferramenta por necessidades relacionada à saúde, aos estudos, trabalho e há, também, quem a use para diversão. O que circula na fala do escrevente ao mencionar que o wifi não transmite o amor pode estar atrelado á forma como a sociedade age no cuidado si e dos outros.

Piche 10: Muro de um Terreno baldio na rua Tomaz de Aquino, Bairro Tomba – “*E se o wifi transmitisse o amor?*”



Fonte: foto da autora

É uma indagação sinalizada como forma de protesto, um convite para o leitor refletir o excessivo uso da ferramenta. Pensar o que atravessa esse discurso é pensar nos vários sentidos construídos e nas condições de produção que nos leva a buscar entender o fator histórico para que este discurso fosse escrito desta forma e não de outra, supostamente o autor(a) da fala pode ser alguém que não consegue se libertar

do vício de estar o tempo inteiro conectado, seja em aplicativos de jogos, redes sociais como WhatsApp, YouTube, Instagram, Facebook, TikTok, Messenger, LinkedIn, Pinterest, Twitter ou Snapchat consideradas redes mais utilizadas atualmente, ou pelo contrário, talvez, alguém que se sente prejudicado com o uso excessivo do wifi do(a) parceiro(a), filho(a).

Não há discurso que não se relacione com o outro:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentido. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, o sentido resulta de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2007, p.39)

Este lugar de fala do sujeito, o local onde o escrito se faz presente, a circunstância da enunciação também dá sentido ao que está sendo anunciado. O sentido construído traduz uma fala de resistência de controle do poder. O sujeito falante confirma em sua fala a ausência do autor. Quem está autorizado a escrever, quais os seus saberes com relação ao escrito e o motivo do escrito ser escrito desta forma e não de outra são atravessados pela carência e o desejo de ser amado.

Entendemos a partir do enunciado do piche que a ausência do amor entre as pessoas que utilizam a ferramenta em excesso é algo constante e é atravessado por dizeres e práticas que causam o isolamento social, visto que, a maioria da população mundial utilizam a ferramenta como algo necessário e importante a ponto de deixar o amor na lateral. De acordo com os saberes histórico sobre a ferramenta e sobre o sentimento amor, o segundo deve possuir maior grau de importância em relação ao primeiro por leva uma pessoa a desejar e fazer o bem a outra ou a uma coisa.

O piche de número 11, grafado na parede do prédio da Câmara Municipal Gabinete dos vereadores de Feira de Santana, localizado no centro da cidade na rua Visconde do Rio Branco, faz referência ao vereador da cidade Edvaldo Lima dos Santos filiado ao partido político de direita Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), fundado em 1980 e ao presidente Jair Bolsonaro filiado ao Partido Liberal (PL) após

dois anos atual presidente do Brasil, membro do Partido Liberal ou Partido da República, de direita, fundado e registrado oficialmente em 2006.

Em vista da pichação “*Foda-se Edvaldo Lima e Bolsonaro*”, a manhã de dois de setembro de 2019 desperta com olhares de transeuntes perplexos e inquietantes voltados para o alto da Câmara municipal de vereadores, grafada por três pichadores, segundo confirmam as câmaras do local. Há sentidos construídos que nos levam a pensar a produção deste discurso direcionado ao saber histórico e ao acontecimento. Os discursos não surgem sem um contexto, sem um fator histórico social ou político nem com ausência de um sentido, portanto, os sujeitos escreventes têm um motivo específico movido pela não aceitação da regularidade de tornar o presidente Bolsonaro um cidadão feirense, ideia sugerida por Edvaldo Lima e apoiado pela Câmara. Entendemos que o escrito “*Foda-se Edvaldo Lima e Bolsonaro*” representa para o saber/poder um discurso intolerável, fora da ordem das leis jurídicas, portanto um crime contra o patrimônio público e, por isso, o setor jurídico julga os autores da escrita como merecedores de punição de acordo com a lei para servir de exemplo para os outros que praticam este tipo de ato. A análise da figura nos permite entender o quanto o poder se exerce e se constitui numa divisa entre dominado e dominador em uma relação de força, controle, entretanto pode e deve ser considerado crime também e constituir punição a aqueles que em decisão particular de um grupo partidário da câmara estabelecer quem pode ou não ser considerado cidadão sem a participação e o conhecimento dos moradores da cidade. Tornar uma pessoa que não mora na cidade e que apenas a visitou com fins políticos como cidadã no interesse de conseguir votos eleitorais é inadmissível.

Piche 11: parede da Câmara Municipal da cidade de Feira de Santana, 02-09-2019 – “Foda-se Edvaldo Lima e Bolsonaro”



Fonte: foto da autora

Temos aí é um jogo de enfrentamentos e de tensões entre as partes envolvidas para desbancar a estratégia do outro. Sendo assim, tal como se pode perceber na figura acima, a ação de pichar paredes, monumentos, viadutos, muros, prédios pode ser visto como algo a mais que apenas um ato de rebeldia dos jovens, contudo sinaliza resistência contra um excesso de regulamentações do biopoder. Por biopoder entendemos uma técnica de poder que busca criar um estado de vida em determinada população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis, corpos obedientes que aceita qualquer condição passivamente sem questionamento. Cria-se interdição, ou seja, tabu para falar o que pode e não pode ser dito. Quem pode falar são aqueles considerados lógicos que estão no campo do sentido, aquele que tem o direito privilegiado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras e das análises das pichações realizadas neste estudo concluímos que todo discurso possui um sentido construído, é atravessado, surge de um fator histórico, de um acontecimento. De forma alguma, é vista como uma concatenação de escritos, por poder ser firmado como conjunto de saberes sobre determinado fato. Entendemos que o discurso não pode ser pensado sem que se leve em consideração às questões de poder que perpassam o contexto social em que circula. Como supõe Foucault (2014) em A ordem do discurso

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8-9)

A realização das análises demandou a busca de saberes histórico sobre os discursos dos piches apresentados, as leituras dos teóricos mostrados na introdução e outros não mencionados, as investigações realizadas sobre cada saber histórico discursivo dos piches contribuíram bastante para alcançar os resultados obtidos nas análises. Os resultados são as confirmações já esperadas. O poder se manifesta controlando o cotidiano destas pessoas em uma relação de forças impondo leis e normas que na maioria das vezes acabam desarticulando ou limitando as escolhas, os desejos daqueles que se deixam ser docilizados, mas de outro lado temos um outro grupo que se manifesta contra as regulações impostas por quem detém o poder não aceitando controlados.

Há relação de forças controladoras em todos os piches analisados. Há nos enunciados construção de sentido interligada ao fator histórico que provam que os discursos não são escritos de forma aleatória e sim como sinal de protesto aos abusos do poder o qual responde com punições violentas como exemplo com o fim de intimidar aquele desobedecer às regras impostas. Assim controlando e docilizando os corpos dizendo o que pode ou não fazer, se utilizando de ações de vigilâncias e punições para manter a ordem.

Como resposta ao efeito de controle da biopolítica e do biopoder as pichações encontradas nas diversas paredes da cidade, os diversos grupos de resistências se

manifestam contra injustiças do poder público. Em vista disso, a prática do pichar é uma forma de contrapoder e resistência, isso marca os interditos, a proibição, punição para quem for flagrado pichando paredes. As análises evidenciam também o quanto o poder se manifesta no cotidiano das pessoas de forma imperceptível e em alguns casos visíveis, brusca, violenta. É ostensivo os dispositivos languageiros operados pelo sujeito comunicativo que busca obter determinados efeitos de sedução, persuasão e domínio do sujeito. A pichação, atualmente é marcada como forma de resistência e representa uma ameaça ao poder.

“Tomada em seu todo a, linguagem é complexa, multiforme e heteróclita”, (SAUSSURE, 2000, p. 17)⁷. Conforme se deu a evolução da linguística e dos estudos discursivos, a linguagem deixou de ser concebida como um sistema de regras formais. Sendo assim, não é necessário falar ou escrever bem para ser compreendido. A comunicação acontece quando duas ou mais pessoas dialogam sobre um determinado assunto. Neste estudo dialogamos com leitores: professores estudantes e a quem mais se interessar pelo conteúdo este trabalho, desde já afirmo que este monográfico é apenas uma parte de um todo do que está a cominho do mestrado.

⁷ No início do *Curso de Linguística Geral*, Saussure se depara com a dificuldade de definir o objeto de estudo da linguística, visto que o campo da linguagem se mostrava vasto e difícil por apresentar diversos aspectos a serem abordados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutura**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- BORGES, Carla Luzia Carneiro; FARIAS, D. M. **Pistas para se pensar numa Bioleitura dob a luz de Michel Foucault: cartografias no site G1 (2019)**. In: Carla Luzia Carneiro Borges; Diego Medeiros Farias; Renailda Ferreira Cazumbá. (Org.). Teias discursivas: leituras, sujeitos, atravessamentos. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2020, v., p. 33-47.
- BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva**. In: LING. Est. e Pesq., Catalão-GO, vol. 15, n. 1, p. 171-182 jan./jun. 2011.
- COSTA LIMA, L. **Representação social e mimesis**. In: _____. Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro, 1981. p. 216-236
- DELEUZE, Gilles. **El poder: curso sobre Foucault** (Tomo 2) [1986]. Buenos Aires: Cactus, 2014.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Dialogues Paris: Flammarion**, 1996.
- FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. **Pichações: discursos de resistência conforme Foucault Acta Scientiarum**. Language and Culture, vol. 33, núm. 2, 2011, p. 241-249 Universidade Estadual de Maringá .jpg, Brasil
- FOUCAULT, Michel. **A escrita de si. In: O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.
- _____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. **Estratégia saber e poder. Coleção: Ditos & Escritos v. VI**. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lúcia Avelar Ribeiro - 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. P.255
- _____. **A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Márcio Alves Da Fonseca Salma Tannus Muchail. Martins Fontes São Paulo 2006b.
- _____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado, 10ª ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019

_____. **Conceitos Essenciais** / Judith Revel; tradução /Maria do Rosário Gregolin, Milto Milanez, Carlos Piovesani. –São Carlos: Claraluz 2005.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos)

_____. **Isto não é um cachimbo**. Tradução Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª edição; revista e aumentada; 34ª impressão, Editora Nova Fronteira.1986.p.1616.

AGUY, Gregory e ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumento de Análise**. São Paulo: parábola, 2007.

COELHO, Kamilla Kristina Sousa França. **A representação e o real em Michel Foucault** RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 03, nº 01, jan./jul, 2011 ISSN: 2176-9125.

LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (1949). p. 96-103/1964).

LIMA, Fábio R. B. **O grafite como patrimônio cultural material**. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Le contexte de l'oeuvre littéraire. Énonciation, écrivain, société** (Paris : Dunod) [MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.]

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso/** Dominique Maingueneau; tradução sírio P and cognitive implication of writing nsossenti, - 1ª edição, São Paulo; Editorial parábola, 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos; Ed. Pontes – janeiro 2007**

OLSON, Davide R. **O mundo no papel – As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**; tradução: Thé word on paper – The Conceptual and cognitive implications of writing and Reading editora Ática. 1994.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **Biopolítica ou política? In: Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 1, n. 15, Udesc, Florianópolis, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 24ª ED. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

VANOYE, francis. **Usos da Linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**/Francis Vanoye; coordenação da edição brasileira Haqira Osakab; tradução e adaptação Clarisse Madureira Sabóia. [et al.] - 11 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Brasil Escola - História da cidade de Pompeia disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pompeia.htm> <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pompeia.htm>

Leitura da Retratos no Brasil – Instituto Pro-livros. **O comportamento leitor dos brasileiros**. 5ª edição; disponível em: [Rhttps://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores](https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores)⁸

⁸ Referência relacionada à pesquisa: resultado Leitura da Retrato no Brasil em 2015 disponível em: www.youtube.com/watch?v=_N50XDhL-zI